

Por que existe inibição diante do tema sexualidade? 5

Rosi Maria de Souza Pocovi*

RESUMO

Este artigo faz um convite a todas as pessoas, principalmente, àquelas envolvidas diretamente na educação, para se integrarem ao conhecimento, à reflexão e à avaliação de suas práticas e seus discursos referentes à sexualidade. Para tanto, aborda posturas preconceituosas embasadas apenas no senso comum, avanços e discussões científicas que podem auxiliar pais, mães, educadores e educadoras na difícil tarefa de educar seus filhos e suas filhas, alunos e alunas, com liberdade e responsabilidade, para os tempos atuais e os que virão.

Palavras-chave: Educação, Educação Sexual, Relações Sociais.

ABSTRACT

This article makes an invitation to all the people and, mainly, involved them directly with the education, the if they integrate to the knowledge, the

* Pedagoga. Mestre em Educação. Especialista em educação sexual. Professora na UDESC. Membro do GAES e da SBRASH.
e-mail: pocovi@brturbo.com
Recebido em 16.04.02

reflection and the evaluation of your practices and your speeches regarding sexuality. To review prejudices postures just based in the common sense, looking for to know with the necessary depth the progresses and the scientific discussions that deal with the matter and that they can aid parents and educators in the difficult task of educating your children and students with freedom and responsibility for the current times and the ones that will come.

Considerando que a sexualidade implica compreender o ser humano dentro do contexto histórico e cultural, tanto na sua complexidade quanto na sua totalidade, apresentamos aqui um comentário sobre o tema, através da parábola¹ que segue:

Numa determinada cidade do Estado de Santa Catarina, colonizada por imigrantes europeus, acontecia anualmente uma festa que reunia toda a comunidade, e o prato mais comentado e saboroso do cardápio era o pernil.

Pernil este preparado por uma jovem de 18 anos que pertencia a uma tradicional família da região.

A fama do pernil espalhou-se para outras cidades, aguçando a curiosidade de uma repórter que resolveu fazer uma entrevista com a referida jovem. A repórter perguntou-lhe como preparava o pernil. Ela contou que o temperava e, no momento de colocá-lo no forno, cortava dele um pedaço. A repórter, intrigada, perguntou:

– Por quê?

A jovem respondeu:

– Não sei explicar, a minha mãe ensinou-me assim.

A repórter disse à jovem:

– Preciso entrevistar sua mãe.

Ao entrevistar a mãe da jovem, a repórter foi direto à pergunta:

– Qual a sua explicação para a senhora cortar um pedaço do pernil quando o leva ao forno? A senhora respondeu:

– Sabe que não sei, aprendi assim com minha mãe.

A repórter perguntou-lhe se havia possibilidade de entrevistar a mãe – que seria avó da jovem. Ela disse que não haveria problema, pois ela tinha 90 anos de idade, mas estava muito lúcida e certamente teria o maior prazer em ser entrevistada. Chegando à casa da senhora de 90 anos, a repórter perguntou-lhe se ela tinha conhecimento da fama do pernil que ela havia ensinado sua filha, e esta à neta, a fazer. Ela disse que sim, mas que tudo era muito simples. Então a repórter perguntou:

– Qual o segredo de cortar um pedaço no momento de levá-lo ao forno?

1. Parábola adaptada pela autora deste artigo.

Ela respondeu com muita simplicidade e sinceridade:

– Olha, moça, na minha época eu cortava um pedaço, porque o meu forno era pequeno. Hoje não sei explicar por que elas continuam a fazer o mesmo, se existem formas e fornos maiores.

Você deve estar se perguntando o que essa parábola tem a ver com a sexualidade. Será que com a sexualidade não continuamos as mesmas práticas de nossas avós e mães, professores, professoras, usando a mesma forma e o mesmo forno, embora o pernil cortado já não nos sirva mais, sem nos perguntarmos por quê? Será que, simplesmente, não continuamos a repetir e repassar acriticamente costumes, preconceitos, tabus, medos, sem nos questionarmos se eles servem ainda para a realidade em que vivemos?

A ciência avançou muito, nestes últimos anos, e hoje é capaz de responder a questões que, na época de nossos antepassados, não podiam ser resolvidas, porque eram desconhecidas e inclusive proibido discuti-las. Entretanto, preferimos muitas vezes, repetir discursos e atos sem questioná-los. Ao agir deste modo, deixamos de viver plenamente nossa sexualidade, de modificar nossas atitudes, de rever nossos valores e de ser mais felizes. Ainda temos preconceitos por estarmos presos a um passado, calcado unicamente no senso comum, pelo qual interpretamos o mundo. Na maioria das vezes, utilizamos mitos criados para explicar situações que, há poucas décadas, ainda não eram passíveis de entendimento, pois faltavam estudos comprobatórios.

Hoje, porém, precisamos conhecer e construir as nossas verdades até que outras venham a ser elaboradas pelas gerações que nos sucederem. As transformações ocorrem muito rapidamente, principalmente na área das ciências biológicas, tecnológicas e econômicas, mas no que se refere às ciências humanas e, principalmente, à temática sexualidade, como tão bem registrou Belchior na música 'Como Nossos Pais', interpretada pela cantora Elis Regina: "*Minha dor é perceber que, apesar de tudo que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais*". É claro que o compositor se refere somente ao que reproduzimos acriticamente, e desta maneira, deixamos de viver plenamente nossa vida no cotidiano real.

Somos seres humanos e ao estabelecermos as relações sociais na produção do nosso modo de vida, construímos nossa história da sexualidade ao mesmo tempo em que ela nos constrói. Assim, ao longo de nossa existência, fomos construindo e sendo construídos, elaborando e absorvendo, histórica e culturalmente, regras, modelos, posturas, exigências, cerimônias, interdições, permissões e códigos em torno do sexo. Convivemos com a temática sexualidade permeada de tabus que se perpetuam até os dias atuais e que dizem respeito a determinados interesses das diferentes épocas, muitas vezes desconsiderando as relações sexuais como parte integrante das relações sociais.

Segundo Chauí (1991, p. 11), “(...) as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiquíssimas, porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente (...)”. Por outro lado, as formas de controlar a sexualidade sempre estiveram ligadas à transformação do mundo e da vida humana em sociedade, mas, apesar de serem antigas, o conceito de *repressão sexual* não é tão remoto quanto elas.

Para uma melhor compreensão da sexualidade, faz-se necessário diferenciar sexo e sexualidade. **Sexo** é a caracterização biológica, hereditária, que diferencia fisicamente o homem e a mulher. No senso comum, **sexo** é conhecido como a relação sexual, os órgãos genitais, o pênis, a vulva.

Sexualidade é um termo que surgiu no século XIX ampliando o conceito de sexo, incorporando a reflexão e o discurso sobre o seu sentido e a sua intencionalidade. Entendida, atualmente, como a própria vida, formada de sentimentos, relacionamento, sensualidade, prazer, erotismo, direitos e deveres, a sexualidade envolve a pessoa na sua globalidade e dimensão humana; ela é uma dimensão exclusiva do ser humano, portanto não pode mais ser abordada de forma somente erotizada, genitalizada e fragmentada.

A educação sexual deve ser entendida não como mera reprodução do que está posto na sociedade, e sim como a reconstrução consciente e participativa de um saber amplo e universal, sem distinção de qualquer ordem e gênero. E esta reconstrução deve recomeçar dentro de cada um, espraçando-se para o nível coletivo.

Na sociedade atual de consumo, o prazer passou a ser mecanizado, importando mais a quantidade de relações sexuais e de conquistas feitas do que a qualidade, o afeto e os sentimentos das pessoas. O sexo passou a servir não somente para procriar e punir, mas também para dar lucro a quem o explora. Surgiram motéis, casas noturnas eróticas, pacotes turísticos para fins sexuais, vibradores, revistas pornográficas, programas de TV e filmes, internet que utilizam o corpo e o sexo como forma de contabilizar seus lucros. O sexo virou, pois, mercadoria.

Na opinião de Bernardi (1992, p. 109), em nossa sociedade “[...] o que se apresenta, paternal e benevolmente, como sexualidade liberalizada não é de fato sexualidade, mas outro mercado de sexo. E o sistema o encoraja porque ganha com isso, lautamente”.

O sexo passou a ser controlado não só nos confessionários, nos consultórios médicos e psicológicos, mas também através da moda, da mídia e internet. O que se usa, o que se compra ou se vende, como um termômetro determina e delata a ânsia, o desejo e as insatisfações do ser humano, que são logo absorvidos e novamente transformados em mercadoria.

Através dessa busca incessante do nada, da escassa probabilidade de preencher o vazio, as pessoas passam a viver para o consumo e para o individualismo. Infelizmente, esta é a realidade, onde tudo passa a ser comercializado, onde o ser humano é visto como uma *máquina*; seu corpo é

fragmentado em nome do saber científico que o mutila, o esmaga e ignora seus sentimentos, emoções, controlando também sua inteligência e sua liberdade. Tudo isto surge a partir do momento em que o indivíduo está preso ao trabalho e ao dinheiro, como meio de sobrevivência e como forma de satisfazer-se pessoalmente.

Nesse panorama, como sintetiza Labord (apud Guimarães, 1995, p. 34): *“O homem moderno já não chora com seu peito, mas intelectualiza seu pensar; não geme com seu orgasmo, mas pensa se esteve bem (ou não); não ri com a barriga, nem ama com a alma. Está mais perto da morte do que da vida”*.

Atualmente, existem vários tipos de discursos sobre a sexualidade, uma combinação de preceitos ou preconceitos morais e religiosos com conhecimentos científicos, mas que nem sempre questionam os próprios códigos repressivos ou o próprio entendimento de sexualidade. Não se considera importante diminuir a ignorância sexual preconceituosa incutida nas pessoas ao longo da evolução da humanidade.

A sexualidade no senso comum, ainda, caracteriza-se por interpretações carregadas de preconceitos num determinado grupo social ou, muitas vezes, em uma sociedade inteira. Muitas destas concepções do senso comum transformam-se em ditados populares, tais como: “homem que é homem não chora”; “lavar a cabeça quando se está menstruada é prejudicial à saúde”; “masturbação faz crescer pêlos nas mãos”; “sexo sem a finalidade de procriar é pecado” e tantos outros.

Esses provérbios e afirmações, repetidos no cotidiano, transmitem idéias falsas determinando comportamentos sociais, baseados em uma educação inadequada a uma vida plena de qualidade e cidadania. Com eles constroem-se valores que são absorvidos acriticamente pela maioria da sociedade, sem que se saiba o motivo. Como estas concepções, simplesmente, são aceitas no contexto social de diferentes sociedades, tratam-se de um conhecimento adquirido sem uma base crítica, precisa, coerente e sistemática de análise do real.

Apesar de todo o avanço científico-tecnológico, que inclusive possibilitou ao homem viajar pelo espaço, desvendando mistérios que havia em relação aos demais planetas, a sexualidade continua a ser um planeta desconhecido. O progresso da ciência nas suas mais variadas áreas, como, por exemplo, a comprovação de que a fecundação acontece a partir da união do óvulo feminino com o espermatozóide masculino a possibilidade de gerar uma criança através da inseminação artificial e de vários outros meios remetem à percepção de que os possíveis avanços no entendimento da temática estão postos.

Até poucas décadas atrás não se podia falar em sexo, a não ser entre quatro paredes, porque era um assunto ligado ao pecado, à vergonha, portanto, não podia ser discutido publicamente. Hoje, na maioria das vezes, não só se pode falar dele abertamente, como é possível obter acesso às várias

fontes de informação (e desinformação), embora seja um tema não abordado com a tranquilidade necessária.

As gozações, o pudor, os risos e as reprimendas às manifestações sexuais estão presentes no dia-a-dia, na família, na escola e até nas universidades ou em outros ambientes. Isto tudo facilita que uma falsa liberação seja instrumento pós-moderno de requintada repressão, mesmo que esta liberação seja um falar compreensivo sobre sexualidade.

Na atualidade, os valores culturais e familiares ocidentais cristãos que acompanham o indivíduo desde a infância, juntamente com novas maneiras de repressão, estão incorporados de tal forma ao seu modo de viver, que dificilmente criança, jovem, adulto, ou idoso conseguem desfrutar sua sexualidade sem tabus, medos e sentimentos de culpa. Como consequência deste confronto entre valores ainda presentes na consciência coletiva, nem a aparente liberalização que a sociedade oferece (normas e desejos) facilita a vivência sadia da sexualidade.

Essa constatação foi reforçada pela atuação em aulas, oficinas e cursos ministrados junto às comunidades escolares de vários municípios de Santa Catarina. Neles tivemos a oportunidade de verificar, muitas vezes, com pais e mães, educadores e educadoras, alunos e alunas, a real dificuldade em abordar o tema sexualidade com tranquilidade, leveza, beleza e naturalidade.

Em pleno século XXI, a sexualidade no senso comum continua carregada de preconceitos, sendo caracterizada, na maioria das vezes, apenas como sexo genital; para muitas pessoas ela ainda é considerada pecado, perversão, ou somente mercadoria, numa pretensa liberação. Poucos conhecem, com a profundidade necessária, os avanços e as discussões científicas que tratam do assunto, que podem auxiliar pais e educadores na difícil tarefa de educar filhos, filhas, alunos e alunas com liberdade e responsabilidade, para os tempos atuais e os que virão. Reconhecem que a sexualidade é inseparável da vida humana, e é um processo constante de pessoas que se educam nas relações sociais.

No cotidiano, percebe-se que o discurso teológico e o discurso médico medem forças entre si e também com os saberes científico e acadêmico atuais. Como resultado, o conhecimento sobre a sexualidade permanece ainda, em grande parte, sinônimo de dominação e de repressão.

A década de 60, considerada o marco da liberação sexual, principalmente com o surgimento das pílulas anticoncepcionais, oportunizou as mulheres a escolha de engravidar ou não, liberando-as para as práticas sexuais sem o ônus da procriação indesejada. Surgiram novos padrões de comportamento, novos valores, derrubando tabus e abalando muitas das sólidas tradições conservadoras.

Essa liberação sexual foi, sem dúvida, decorrente de um aparente afrouxamento do autoritarismo e das mudanças de normas e padrões culturais. Deste modo, os valores morais passaram a favorecer um pouco mais o

direito à liberdade do indivíduo, ampliando-lhe as perspectivas de poder gerir seu próprio corpo, de conhecê-lo melhor e de fazer escolhas mais sensatas e mais saudáveis.

Através das relações sociais, o cidadão tenta construir a si mesmo e as relações com outros no contexto em que vive; ele tenta participar da construção de uma sociedade que objetiva o bem comum, o bem-estar individual e coletivo, mas ainda há um longo caminho a percorrer.

Como consequência da lenta abertura no Brasil, iniciada na década de 80 aumentou o número de pessoas interessadas em investigar a sexualidade. Primeiramente, foram os médicos, os psicólogos e os educadores com o objetivo de esclarecer à população, e a si mesmos, as novas concepções sobre sexualidade. Entretanto, médicos e psicólogos ficaram, inicialmente, quase que restritos ao discurso biologista – o que é facilmente comprovado nos temas de muitos eventos promovidos, tais como seminários, congressos, simpósios, etc. A linguagem mais utilizada por eles era a médico-biologista, ou a psicobiologista, tratando de um ser humano fragmentado e somente estudado do ponto de vista da ciência biológica ou psicológica.

Contudo, vários educadores brasileiros, tomaram outra direção, isto é, a de caracterizar a pessoa como um ser humano global. A partir desta evolução a educação sexual no Brasil também passou a ser percebida e divulgada por um bom número de estudiosos, numa visão holística, mais historicizada.

Se para Ianni (1997, p. 231) "*O globalismo inaugurou um novo ciclo da história, quando esta se movimenta como uma história universal*", pode-se afirmar que o mesmo ocorreu e está ocorrendo com a sexualidade.

Somos seres humanos, portanto, mutáveis, tendo a capacidade de renovação a cada dia. Para tanto, faz-se necessário estudar nossa própria história, nossas transformações, evoluções, ocorridas em diferentes épocas, e seus reflexos em nossa cultura, nosso pensamento e comportamento, incluindo aí a sexualidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BERNARDI, M. *A deseducação sexual*. São Paulo: Summus, 1992.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual: essa nossa desconhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- GUIMARÃES, I. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- POCOVI, R. M. de S. *A Universidade frente a AIDS: um estudo de caso na Universidade do Estado de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Educação) UNISUL, Tubarão, 2000.